

A FELIZ ACCLAMAÇÃO
DA
RAINHA
DONA MARIA
DE PORTUGAL
NOSSA SENHORA.

ODE.

QUE subtil, radiofo lume aclara
Os caminhos da sombra; e com faiscas
De vivifica luz os Orbes doura?

Eis toda a redondeza,
Que o luzeiro illumina,
Do respeito impellida se estremece,
Vendo fahir do centro a nós occulto
Justiça incorruptivel.

As fabias Leis, as solidas Verdades
Tem gravadas em circulo brilhante:
De aureas Croas se esmalta, de aureos Sceptros;
Brilha a santa Virtude
De palmas adornada:

MARIA Augusta os olhos nella fita;
Sóbe os degráos do Solio Lusitano
A fer do Mundo assombro.

Não

Não procuro troféos de Heroes famosos,
Nem as graves memorias dos passados
Defensores da Lusa Monarquia:

O tempo ha de guiar-me.
Aquelle fogo ardente,
Do qual ao seu nascer se ornou a terra,
Tem em si attributos, que te offerte,
Oh Augusta RAINHA.

Não he tua virtude a nós occulta;
Bem qual o fulgor tremulo, que esconde
Dentro na mina o rigido diamante.
No Throno Magestoso
Os teus costumes santos
Radiar se verão por todo o Mundo.
Teu Sceptro dos Monarcas vivo exemplo,
Deixa Roma admirada.

Mas que Heroe venerando vai correndo
Pelos raios, que a luz tinha esparfido?
Resplandece o semblante já longo
Ao tempo precursor,
» Salve, ó santa verdade:
(Assim exclama) o Velho respeitoso,
As sacras mãos lhe beija, eis que ella o guia
Ao centro da inteireza.

Al-

Alli jaz o socego, a paz serena,
E abrindo o almo seio a Providencia
Reluzindo se vê Justiça, e Premio,
Em torno dos Enigmas
Das Epocas futuras;
Em atomos de luz presagos voão:
Desenvolve a Justiça desta massa
Hoje aos Lusos a Historia.

Sobre as candidas azas da Virtude
Themis desce co' a lucida balança,
Segura o Throno de MARIA Egregia.
O lume te abençoão
Os Votos Lusitanos.

Os Virtuofos Reis teus Ascendentes,
Soltando as linguas frias, e mirrhadas,
O teu louvor decantão.

Já na urna immutavel do Destino
Traçada a gloria estava á gente Lusa
Por mão não vista, que domina os Fados:
O sangue Hereditario,
Dos Póvos o consenfo,
Das Leis santas o jus incontrastavel
Confirmou teu direito, e já descripto
O tinha o Ente Eterno.

De-

Detestada ambição cortar não póde
A nossa excelsa gloria, que hoje brilha,
Antes tremula brama, e a debil sombra
Fugindo espavorida,
C'os olhos deslumbrados,
Exangue acaba, longe da alta Elysia,
Depois qual planta pelo Sol queimada
Nos ares se consome.

Já mais podem toldar tristes acafos
As estradas de luz, que ousada trilhas,
Guiando-nos á maxima ventura.
Nosso Fado não pende
Da duvidosa espada;
Nem se espera, que ao lado das carroças
O solto pó, que os vãos triunfos erguem,
Nos faça desgraçados.

Doce pranto de placida alegria,
De gratidão, de amor, Elysia verte.
Estremeça a teu mando o Mundo inteiro.
Ao Throno sobes, onde
Amor, e a Paz te chamão.
Encoستا-se ao teu Sceptro a sã Justiça:
Voa o Tempo, arrastando a ferrea Idade,
Ao letes Sonolento.

Do Bacharel Joaquim José Ferreira da Cunha.